

As interações discursivas entre crianças e uma professora monitora em um observatório astronômico: um olhar psicanalítico lacaniano

Discursive interactions between children and a teacher monitor in an astronomical observatory: a Lacanian psychoanalytic look

Gleici Kelly de Lima

UNESP/ Educação para à Ciência
g.lima@unesp.br

Rodolfo Langhi

UNESP/ Educação para à Ciência
rodolfo.langhi@unesp.br

Resumo

Esta investigação analisou as interações discursivas entre crianças da educação infantil e uma professora monitora em um observatório astronômico por meio da compreensão lacaniana do discurso. A pesquisa é qualitativa com investigação em campo, baseada no referencial psicanalítico lacaniano dos quatro discursos do inconsciente: do mestre, da instituição, da histérica e do analista. Os dados foram obtidos por meio de gravação áudio/vídeo e observação de uma ação educativa realizada no observatório. Os resultados apontam que o discurso que mais se repetiu foi o da histérica, denotando uma preocupação na significação dos saberes da astronomia no observatório astronômico. Assim, além dos saberes educativos, metodológicos e do conhecimento, precisamos também de uma formação voltada para a dimensão ética, filosófica, psicológica que envolvam dimensões subjetivas, da linguagem, da alteridade que possibilitem-nos pensar as instâncias do saber para além de manuais educativos com etapas bem definidas e corretas de como ensinar.

Palavras chave: Discurso, Interação, Laço social, Educação não-formal.

Abstract

This investigation analyzed the discursive interactions between children in early childhood education and a teacher monitors in an astronomical observatory through the Lacanian understanding of the discourse. The research is qualitative with field research, based on the Lacanian psychoanalytic framework of the four discourses of the unconscious: the master, the institution, the hysteric and the analyst. The data were obtained through audio / video recording and observation of an educational action carried out at the observatory. The results show that the discourse that was most repeated was that of the hysterical, denoting a concern with the significance of the knowledge of astronomy in the astronomical observatory. Thus, in addition to educational, methodological and knowledge, we also need training focused on the ethical, philosophical, psychological dimension that involves subjective dimensions,

language, alterity that allow us to think about the instances of knowledge in addition to educational manuals with well-defined and correct steps on how to teach.

Key words: Discourse, Interaction, Social bond, Non-formal education.

Contexto, objetivo e arcabouço teórico

Discurso na vertente psicanalítica lacaniana é um relacionamento social que cria laços sociais por meio da estruturação da linguagem (VILLANI; BAROLLI, 2006; COELHO, 2006). O discurso é esse modo de relacionamento social representado por uma estrutura sem palavras: “[...] Lacan propõe os discursos como sendo modos de uso da linguagem como vínculo social, pois é na estrutura significante que o discurso se funda. É a articulação da cadeia significante que produz o discurso” (COELHO, 2006, p. 108). Os significantes, neste caso, que ocupam a estrutura do discurso representam o som, pois a linguagem é composta por sons. E estes significantes ao serem articulados produzem o que Lacan denomina de significado, elaboram os autores. Por isso, ao nos colocarmos à escuta de um lugar¹ de educação não-formal, o observatório astronômico, elencamos o entendimento lacaniano de discurso ao nos propormos a analisar a interação discursiva entre sujeitos.

Esta escrita é um recorte de uma pesquisa de mestrado². Esta buscou discutir por meio do conceito de transferência a relação discursiva entre crianças da Educação Infantil e professoras monitoras em um observatório astronômico. Desta maneira, enfatizamos nesta investigação as análises discursivas, mais especificamente, na compreensão dos quatro discursos do inconsciente proposto por Lacan, ao analisarmos crianças da Educação Infantil em relação com uma professora monitora do Observatório Didático de Astronomia “José Lionel Andriatto” (ODA) de Bauru, SP.

A construção epistemológica da teoria psicanalítica fundamenta-se na relação centrada na fala, na escuta e na transferência. O discurso freudiano buscou a concepção do sujeito marcado pela história, condição fundamental para a elaboração do conceito de inconsciente. Assim, a teoria psicanalítica centra-se na busca pela significação na linguagem e não na consciência, já que os sentidos dos sintomas³ estariam ausentes no campo da consciência, revelando-se por meio da fala no psiquismo inconsciente. Por isso, a reminiscência remete a algo além da consciência que foi denominado de inconsciente. É uma palavra inserida na instância do outro, essa senda, um lugar de desamparo submetido a este outro, a respeito do qual nada se sabe, mas que carrega o desejo do indivíduo, o nosso desejo (BIRMAN, 1987).

Birman (1987, p. 122), desta feita, elabora que a psicanálise é uma “[...] prática inserida nas fronteiras das possibilidades humanas, pois coloca o sujeito frente ao reconhecimento do território do impossível”. O encontro com o impossível possibilita-nos entender um sujeito que é ambíguo e contraditório, inserido na ordem da linguagem, e do inconsciente, a psicanálise se constitui, assim, em um saber da interpretação, sujeito este que emerge nas

¹ Usamos na pesquisa originário o termo lugar e não espaço, pois compreendemos o observatório enquanto um lugar que produz sentidos nos sujeitos por ele transpassados, lugar que marca nos sentidos e na memória (LIMA, 2020).

² Acesse (LIMA, 2020) para ver o trabalho na íntegra.

³ Sintoma na teoria lacaniana é o que mais de humano temos, por isso, ao invés de propor a cura a psicanálise propõe a escuta, revelar seu segredo (BIRMAN, 1987). Semelhantemente, cabe ao professor e ao monitor falar para os alunos, para as crianças: escute suas inquietações, suas dúvidas, para nesse encontro com a demanda do outro, possibilitar a palavra e o aprendizado.

análises discursivas deste trabalho. Desta maneira, por se tratar de uma pesquisa de cunho psicanalítico, apresentamos brevemente no desenvolvimento metodológico os elementos que levaram à interpretação dos discursos, por meio da compreensão lacaniana dos quatro discursos fundamentada na narrativa para interpretação de Villani e Barolli (2006).

A partir destas considerações propomos a seguinte pergunta: como se dá as interações discursivas em um observatório astronômico a partir da perspectiva psicanalítica, a saber, os quatro discursos do inconsciente lacaniano? A relevância desta investigação está na compreensão da importância da palavra no observatório astronômico, das emergências em analisarmos as interações, relação com o outro, da maneira como o aprendizado da astronomia é possibilitado às crianças e, como estas juntamente com a professora monitora permeiam uns os discursos dos outros, e, do quanto o conhecimento, o letramento científico passa a ser possibilitado. Possibilidades interpretativas falhas, justamente por analisar discursos, laços sociais, sujeitos, mas que, por meio da alçada teórica que elencamos, nos aproxima destes vestígios deixados pelas interações discursivas, pela palavra.

Metodologia

Optamos pela abordagem de investigação em campo da pesquisa qualitativa. É um fenômeno social por excelência, já que os sujeitos são marcados por sinais do tempo, da história, a ideia de ciência muda, os dados falam. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa as análises, interpretações também passam pela subjetividade dos pesquisadores (SEVERINO, 2007). Para chegar aos dados, foi realizada uma observação de uma ação educativa (gravação áudio/vídeo e diário de campo) no ODA, de um grupo com 22 crianças da Educação Infantil⁴ na interação com uma professora monitora, Selene⁵.

Ao propormos uma análise das interações discursivas na vertente lacaniana, precisamos compreender o inconsciente enquanto linguagem, e a análise do discurso precisa ser feita de maneira aproximativa, “[...] não dentro da modalidade cartesiana das “ideias claras”, e sim utilizando figuras retóricas nas quais o sentido desliza [...]” (BAREMBLITT, 2013, p. 73). Por isso, usaremos na análise a relação com os quatro discursos do inconsciente: do mestre, da instituição, da histérica e do analista.

Por meio desta metáfora com a teoria dos quatro discursos do inconsciente lacaniano (VILLANI, BAROLLI, 2006), que propomos uma interpretação do discurso e atingir, mesmo que parcialmente, a compreensão de relação transferencial entre professores monitores e crianças. Esse é um dispositivo analítico com algumas categorias discursivas, as quais nos permite interpretar a fala em diferentes discursos. Os laços sociais que são estruturados pela linguagem produzem discursos retirados do mal-estar dos laços sociais: governar, educar, psicanalisar e fazer desejar, referentes às profissões do impossível propostas inicialmente por Freud. Destes laços sociais, por meio da articulação dos significantes da linguagem que Lacan elaborou os quatro discursos a princípio.

A estrutura deste esquema analítico pressupõe um agente, que fala a partir da sua verdade, e um outro, para quem é destinado o discurso. A seguir a estrutura que indica os lugares da estrutura discursiva lacaniana:

⁴ Para o grupo total de crianças denominaremos constelação e quando apenas uma delas falar, denominaremos Estrela. Usamos a ordem de fala das crianças para denominar qual letra do alfabeto grego elas representam, aqui foram trazidas as crianças: *Estrela Δ (Delta “D”)* e *Estrela Φ (Phi “F”)*.

⁵ Na pesquisa original foram 2 professoras monitora, aqui, optamos por focar apenas uma delas, cujo nome fictício, Selene, envolve características da participante.

agente
verdade

outro
produção

Para ocupar esses lugares, Lacan denomina de representantes, ou significantes, nos termos linguísticos (VILLANI, BAROLLI, 2006), configurando os quatro discursos do inconsciente: Mestre ou do Senhor, da Universidade ou da Instituição, da Histórica e da Análise. No primeiro, o mestre é a posição de plenitude, quando na relação, o discurso opera um deslocamento da satisfação do outro e pode gerar um novo saber. No segundo, o discurso vira um dogma. No terceiro, representa o discurso da insatisfação; é típico da ciência, buscando, desta maneira, superar os conhecimentos não satisfatórios. O último, pressupõe que o outro encontre a autonomia na busca do conhecimento. Exemplo do discurso da instituição:

Professora/monitora
ciência dogmática (astronomia)

criança
sujeito alienado

Um dos quatro discursos só vai ser representado quando crianças e professora monitora estão no mesmo discurso, quando faz laço a palavra. A partir deste esquema analítico dos quatro discursos lacanianos de chegada aos discursos é que propomos a análise das interações discursivas em um observatório astronômico.

Resultados e discussões

A seguir trazemos partes⁶ das análises dos quatro discursos. Como os discursos representam os laços sociais entre as pessoas, percebermos como as análises oscilam, não seguem uma linearidade. Nem sempre as crianças se submeteram ao discurso da agente, da professora monitora, por isso, se ambos não fazem o laço e habitam o mesmo discurso essa relação não acontece, o que podemos apontar são algumas suposições referentes aos quatro discursos lacanianos, é uma análise aproximativa dos sentidos da palavra (BAREMBLITT, 2013).

No início da ação educativa no observatório astronômico, podemos perceber um desconforto comum ao nos depararmos com pessoas diferentes e, no caso das crianças, também ao conhecerem um lugar diferente. Esses questionamentos dão início a nossa análise: “*Selene: conta pra mim o que vocês já sabem do céu? Quem quiser falar alguma coisa levanta a mão pra me contar o que que tá estudando, mas tem que me contar [crianças levantam as mãos empolgadas]. Calma uma de cada vez.*”

A pergunta inicial de Selene para as crianças faz com que elas levantem as mãos apressadas e muito curiosas. Aqui é iniciado o investimento recíproco entre eles, encorajando a palavra às crianças. Esse axioma psicanalítico da possibilidade da fala de “deixar falar”, como elucida Birman (1987), que produz incertezas e pratica a dúvida, é que colmata o início da interação entre eles e ao aderirem ao pedido de Selene para responderem suas perguntas é que ambos assumem o **discurso da histórica**.

Continuando os questionamentos, desta vez usando os objetos celestes no programa Stellarium⁷, a monitora encontra o Sol e pede rapidamente para que as crianças identifiquem o que é, e elas respondem: “*o Sol!*”. Nesta parte da conversa a professora monitora interroga as crianças com relação a cor da estrela: “*Ele tá vermelho?*”, as crianças olham e respondem que não, que está branco, amarelo, ficam indecisas. Parece que elas estavam bastante imersas na

⁶ São excertos das análises originárias, a íntegra das análises e da transcrição está disponível em Lima (2020).

⁷ Software livre de astronomia para observação do céu. Disponível para baixar em: <https://stellarium.org/pt/>.

conversa, até que a monitora parece assumir sua fala de agente final do saber e acaba deixando as crianças um pouco confusas, pois, ao explicar o porquê das cores algumas crianças parecem desinteressadas e focam na palavra desenho da fala: “*a gente desenha ele amarelo não desenha, heim? [...] vocês me falaram que estrela não era redonda e como vocês desenharam as estrelas (as crianças desenharam no ar o formato com pontas das estrelas), com as pontinhas não é mesmo. Mas ela não tem pontinhas. Estrela Φ : mas eu desenho assim ela, e faz o desenho com pontas [...]*”. Este trecho mostra a dificuldade de romper com alguns saberes preestabelecidos. Villani (1999) explica que é comum essa dificuldade em manter a criança dentro de um assunto que, por vezes, ela não consegue sair de algo já sistematizado. Furst (2003, p. 90), neste sentido, elucida como o ensino tem por base o conflito, se não há desequilíbrio no pensamento, não há estruturação dele. O lugar de quem aprende pressupõe um não saber, para desejar saber. A ideia do inconsciente enquanto linguagem propõe à educação que: “[...] ela possa repensar a ética a qual está pautada e a considerar a contingência do desejo, dos conflitos como constitutivos no processo de aprendizagem, encaminhando este processo pela linguagem que nos habita”. É por meio da palavra inserida na instância do outro, nesse lugar de desamparo como nos incita Birman (1987) que Selene carrega o desejo de saber das crianças, porque é criado o laço social, e se inserindo neste lugar de não saber, mas de auxiliar no encontro do querer saber que a professora monitora atua e possibilita a demanda da criança de querer aprender.

O próximo trecho pode representar o **discurso do mestre ou da instituição** quando Selene tenta de alguma maneira trazer as crianças para o assunto em questão. Porém elas acabam um tanto quanto alheias, com respostas curtas e sem muita participação, justamente por esse diálogo curto e pela monitora retomar, novamente, questões as quais as crianças já haviam respondido com um não. Isso evidencia a alienação, de certa maneira, das crianças com relação ao novo saber que ainda não fazia muito sentido para elas, mas mesmo assim com as mudanças constantes do software, a monitora consegue positivamente capturar as crianças no seu saber que, como evidenciou Villani e Barolli (2006), o discurso do mestre pode ser representado também de uma maneira positiva.

Selene: Ninguém nunca ouviu falar do caçador Órion? (não) Então vamos ver o caçador? (sim). Cadê? (está procurando no stellarium). Aqui ó, vocês estão enxergando alguma coisa, conseguem ver algum desenho? (sim) que desenho? (silêncio, enquanto olham para a constelação apontada pela monitora). Aqui ó, (começam a apontar empolgadas). Que desenho? (esse, apontando com o dedo, algumas começam a rir) Esse qual? (começam a tentar decifrar o que é)[...].

É interessante essa empolgação porque na parte anterior da mediação elas estavam bem distantes e respondiam somente com sim e não. Agora já haviam retomado a curiosidade com um diálogo mais elaborado. Nessa conversa, a monitora novamente consegue fazer com que as crianças fiquem interessadas ao mostrar os desenhos imaginários das constelações, o que representa, também, o **discurso da histórica** por desafiar as crianças a saberem algo novo, usando o Stellarium e desafiando esse novo saber por meio do lúdico, pelo encantamento:

[...]Selene: que é o cão menor, exatamente, vocês estão enxergando o cachorro (sim). Mas e aí se a gente desligar (o desenho das constelações no programa), sumiu o cachorro.

Estrela Δ : eu tô vendo estrela dele.

Selene: tá vendo estrela, mas quando a gente olha no céu aqui em Bauru, as únicas estrelas que a gente consegue enxergar são essa aqui que é menor e essa aqui que é Prócion que é maiorzinha, então forma só duas estrelas, só um risquinho, e como a gente imagina o cachorro?

Estrela Δ: imaginação!

A criança percebe a capacidade imaginativa que precisamos ter ao nos depararmos com as constelações, para entendermos que aquele risco pequeno representa a imagem do cachorro é preciso realmente ter “*imaginação*” reitera a criança. O fato de Selene ter contextualizado aos poucos e mostrado como realmente fica o céu sem os desenhos imaginários das constelações, consegue instigar as crianças a buscarem algo novo, por meio de questionamentos, usando uma metodologia diferenciada, ela consegue alcançar as crianças. Estas, assumem juntamente com a monitora o **discurso da histórica**, também ficam envolvidas com esse novo saber, auxiliando no processo de abstração das crianças, talvez pelo carinho que sentiam pela monitora é que conseguiram fazer este encontro entre o visível e o abstrato, imaginário.

Porge (1996, p. 549) explica que Lacan passa a enfatizar cada vez mais a importância do Outro (lugar), pois é no lugar desse Outro que existem furos no “[...] encadeamento significativo dos termos da história do sujeito. Trata-se, na análise, de que o sujeito descubra a que Outro ele se dirige, ainda que não o saiba, e de que assuma progressivamente as relações de transferência em que está e em que de início não sabia estar”. Essa posição fundamental do sujeito desejante, pode eclodir pelo amor:

[...] a posição do sujeito desejante é fundamentalmente a da falta, o tempo de eclosão do amor de transferência pode conduzir o analisando à verdade de seu desejo, que não é um bem, que é, por definição, aquilo que lhe falta, na medida em que o analista, posto nesse lugar de desejante, souber fazer valer sua falta fundamental (Ibidem, p. 550).

Percebemos, por vezes, o retorno às lógicas científicas que não são coincidências, mas sim um reflexo do nosso processo educativo. Essa relação, aponta nosso encontro com o **discurso do mestre** acompanhado em momentos das análises, que remete à ideia de um conhecimento pleno e sem falhas, que o agente, nesse caso a monitora domina, e que está a seu serviço (LOPES, 2012). Entretanto, educar versa mais em sustentar a palavra do outro como legítima, do que somente conduzir metodologicamente a ação educativa, “[...] fica, portanto, condicionada a algo extrametodológico: o (des)encontro com a criança” (VOLTOLINI, 2011, p. 45).

Sair um pouco da lógica “penso, logo existo” cartesiana como propõe Lacan e compreender que o sujeito também existe onde não se pensa, ali, somente ali no inconsciente, nas sobras, nas fissuras discursivas é que falamos verdadeiramente ao mundo (BAREMBLITT, 2013; BIRMAN, 1987). No ensino de astronomia, possibilitar a criança compreender, de alguma maneira, as demandas dela para aquele espaço e para aqueles sujeitos é inserir a criança na cultura da ciência. E como se dá essa inserção por meio das interações discursivas é que buscamos brevemente apontar nesta investigação, por meio dos vestígios dos discursos das crianças com a professora monitora.

Considerações finais

A relação de alteridade de ir ao campo do outro e pegar algo pra si, só acontece por meio da palavra. Por isso, fora fundamental nos depararmos com o referencial psicanalítico durante a trajetória de desnudamento do discurso, pois, para este a linguagem é estruturante do nosso inconsciente como propõe Lacan, e a maneira pela qual compreendemo-lo são pelos vestígios deixados justamente pela palavra.

O discurso que mais prevaleceu durante as análises fora o da histórica o que denota a preocupação da professora monitora ao significar os saberes da astronomia no observatório

astronômico. Outro bastante emergente fora o discurso autoritário da instituição, reiterando o que geralmente temos apreendido dentro das universidades e escolas.

A professora monitora representa no seu discurso o que historicamente fora construído e elaborado na educação bem pensante, que proíbe pensar, falar, questionar e principalmente reproduzir a ideia de “verdade” por detrás da ciência. Por isso, o intuito desta pesquisa foi evidenciar estes discursos e propor reflexões acerca do que podemos pensar às formações de professores e monitores nos observatórios astronômicos. Assim, além dos saberes educativos, de compreensão do professor, do aluno e do conhecimento, precisamos também de uma formação voltada para a dimensão ética, filosófica, psicológica que envolvam dimensões subjetivas, da linguagem da alteridade, enfim, que possibilite-nos pensar as instâncias do saber para além de manuais educativos com etapas bem definidas e corretas de como ensinar.

Agradecimentos e apoios

Agradecimento à CAPES, ao ODA, às crianças, famílias, professores e colegas envolvidos na pesquisa.

Referências

BAREMBLITT, Gregório F. **Cinco Lições sobre a transferência**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2013.

BIRMAN, Joel. **Psicanálise, Ciência e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

COELHO, Carolina M. S. Psicanálise e laço social-uma leitura do Seminário 17. **Mental**, v. 4, n. 6, p. 107-121, 2006. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009.
Acesso em: 31 jan. 2020.

FÜRST, Rosane. **A ética na educação: uma perspectiva psicanalítica**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2560>. Acesso em: 30 jan. 2020.

AUTOR 1 [referência suprimida]. **Discursos na Relação Transferencial monitor/criança em um observatório astronômico**. 2020. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, 2020.

LOPES, Ariane M. **Professores de física: práticas e subjetividades no processo de ensinar**. 2012. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2012. Disponível em:<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250891>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PORGE, Érik. Transferência. In: **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Ed. Pierre Kaufmann, Trad. Vera Ribeiro. Maria L. X. de A. Borges, Cons. Marco A. C. Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. Ed. ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VILIANI, Alberto. O professor de ciências é como um analista? **ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 1, n. 1, p. 6-24, 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21171999000100006. Acesso em: 31 jan. 2020.

VILLANI, Alberto; BAROLLI, Elisabeth. Os discursos do professor e o ensino de Ciências. **Pro-Posições**, v. 17, n. 1, p. 155-175, 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2351/49_dossie_villania_etal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.